

A CRISE DA SEGURANÇA EUROPEIA

Página 2

SANÇÕES OCIDENTAIS E RÚSSIA

Página 2

COMO MAASTRICHT MUDOU A EUROPA

Página 3

A INVASÃO DA UCRÂNIA

Página 3

ONE PLUS FOUR: TRAÇANDO O FUTURO DA NATO NUMA ERA DE RUTURA

Página 4

SUGESTÕES DE LEITURA EURODEFENSE

Página 5

DESTAQUES EURODEFENSE JOVEM- PORTUGAL

Página 6



A GUERRA NA UCRÂNIA

Comemorámos há dias vinte e quatro anos de existência. O Centro de Estudos EuroDefense-Portugal desde a sua data fundadora, em 12 de fevereiro de 1998, passou a estar profundamente ligado à rede europeia de Associações EURODEFENSE, constituídas com a finalidade principal de: «Apoiar o desenvolvimento da identidade europeia de segurança e defesa e promover na sociedade civil, uma tomada de consciência dos interesses comuns europeus face à globalização e aos novos desafios e ameaças à segurança, depois da queda do Muro de Berlim».

Esta foi, em bom rigor, a ambição que nos moveu ao longo dos anos, através de um incansável trabalho junto da sociedade civil e das instituições e órgãos de decisão e igualmente junto da academia. O tema e a relevância da segurança e defesa têm sido geralmente mal percecionados em Portugal e no conjunto da sociedade europeia, em tempos de paz e de progresso económico e social que por vezes propiciam um alheamento da importância que este tema exigia para o futuro da Europa e da cada um dos seus Estados-membros.

Porém, na madrugada cinzenta e fria do passado dia 24 de fevereiro de 2022, fomos acordados para a realidade da guerra, com os tanques russos a invadirem a Ucrânia sob as ordens de Vladimir Putin com o argumento paranóico da sua inevitabilidade. A guerra na Europa outra vez, com o seu lúgubre cortejo de calamidades, de sofrimento e derramamento de sangue. A guerra que nos remete para o passado e ensombra o futuro.

Uma guerra que muitos achavam impensável, dirigida contra a Ucrânia e o mundo civilizado, imposta pela vontade doentia de um autocrata, com total desprezo dos valores da democracia, da liberdade e dos direitos humanos, violando os mais elementares princípios da soberania e do direito internacional.

Esta guerra na Ucrânia não deixará de ser também o último argumento para finalmente se melhorarem as capacidades defensivas da Europa e se redefinir a arquitetura de segurança e defesa europeia e atlântica.

No Centro de Estudos EuroDefense-Portugal, hoje, mais do que nunca, temos a certeza de que a nossa ação será reforçada pela vontade de dar continuidade aos objetivos que ao longo de mais de duas décadas vimos assumindo na sociedade portuguesa. Neste período tão difícil para a Europa, continuaremos a persistir na sensibilização e tomada de consciência da sociedade e da opinião pública, sobre a relevância da segurança e defesa efetiva e partilhada no espaço europeu para garantir a paz e o bem-estar das nossas sociedades democráticas.

Lisboa, 28 de fevereiro de 2022

António Figueiredo Lopes
Presidente

A CRISE DA SEGURANÇA EUROPEIA



A CRISE DA SEGURANÇA EUROPEIA

O que pensam os europeus sobre a guerra na Ucrânia

A crise Rússia-Ucrânia pode mudar drasticamente a forma como os europeus pensam sobre a sua segurança. Há especulações generalizadas sobre se a Rússia invadirá a Ucrânia novamente – e, se isso acontecer, como os europeus reagirão. Grande parte do debate público sobre a crise retratou os governos europeus como divididos, fracos e ausentes. No entanto, uma pesquisa pan-europeia realizada pelo Conselho Europeu de Relações Exteriores no final de janeiro de 2022 mostra que há um consenso surpreendente sobre a crise entre os eleitores europeus. Os europeus do norte, sul, leste e oeste concordam que a Rússia provavelmente invadirá a Ucrânia

que os países europeus têm o dever de defender a Ucrânia e que esse é um problema europeu. No início da pandemia de covid-19, alguns governos europeus enquadraram a luta contra o vírus como uma guerra. Agora, o medo de uma guerra real está perseguindo a Europa. O lugar comum de que os europeus acreditavam que a guerra é impensável e consideravam a paz como garantida já não é verdadeiro. Como a nova pesquisa do ECFR revela, neste artigo, todos percebem que o mundo está num estado de pré-guerra e não de pós-guerra. Em todos os países analisados, exceto a Finlândia, a maioria dos entrevistados acreditavam como provável que a Rússia invadiria a Ucrânia novamente em 2022, como veio a acontecer.



A crise da Segurança Europeia: O que pensam os europeus sobre a guerra na Ucrânia



DESAFIOS DE SEGURANÇA NA FRONTEIRA ORIENTAL DA EU

Ver mais

Qual o papel da PCSD?

Desafios de segurança duradouros ligados aos conflitos prolongados da Parceria Oriental, incluindo crime organizado, corrupção endêmica, instabilidade política e instituições estatais fracas, há muito atormentam a vizinhança oriental da UE, prejudicando o seu desenvolvimento económico e estabilidade. Fortes efeitos de transbordamento e contágio tornaram esses desafios verdadeiramente “intermésticos” (interesse internacional e doméstico ao mesmo tempo). Além disso, na última década, uma série de desafios de segurança emergentes afetou tanto os países da Parceria Oriental quanto a UE. Essas ameaças compartilhadas – da desinformação à guerra narrativa, populismo, iliberalismo e euroceticismo, ameaças cibernéticas e híbridas – oferecem uma oportunidade para uma cooperação de segurança aprimorada, que há muito tem sido procurada pelos países da Parceria,



SANÇÕES OCIDENTAIS E RÚSSIA

Ver mais

O que são? Como funcionam?

Em 2014, a UE e os EUA adotaram sanções contra a Rússia depois de anexar a Crimeia. Desde então, eles adicionaram várias outras medidas restritivas, respondendo ao uso de armas químicas ilegais pela Rússia, ataques cibernéticos e abusos dos direitos humanos. Com preocupações de que Moscou esteja planejando outro ataque contra a Ucrânia, os países ocidentais estão considerando novas medidas duras. As sanções económicas relacionadas à Ucrânia, em particular, tiveram um impacto significativo não apenas nas empresas e setores diretamente visados, mas também na economia russa como um todo. As sanções não persuadiram a Rússia a mudar o seu comportamento, mas podem ter tido um efeito dissuasor.

COMO MAASTRICHT MUDOU A EUROPA


[Ver mais](#)

O Tratado de Maastricht estabeleceu a União Europeia, abriu caminho para a moeda única: o euro e criou a cidadania da UE.

O Tratado de Maastricht foi assinado em 7 de fevereiro de 1992 e teve um impacto profundo no desenvolvimento da integração europeia. A UE, tal como a conhecemos hoje, deve o seu nome e a sua natureza a um tratado nascido numa cidade holandesa às margens do Meuse.

A UEA de hoje é uma voz poderosa em apoio à paz e à justiça em todo o mundo. É o lar da segunda moeda mais negociada do mundo e é o maior bloco comercial global. Ao mesmo tempo, garante os direitos de quase 450 milhões de cidadãos europeus. Um passo fundamental para este notável desenvolvimento foi quando os 12 Estados-membros se reuniram para uma cúpula europeia em 1991 na cidade holandesa mais conhecida, na época, pelas suas olarias.


[Ver mais](#)

A Invasão Armada de um País Soberano

A designação de “operação militar especial” com que Putin cunhou a agressão à Ucrânia, é um triste disfarce para a invasão armada de um país soberano que ele próprio considerou estar na origem da fundação da Rússia. É uma guerra premeditada, não provocada, nem justificada por razões atuais. É, portanto, uma grosseira violação do direito internacional que a Rússia diz partilhar como membro das Nações Unidas. O que está em causa porém, ultrapassa esta guerra e visa garantir o “domínio imperial da Rússia sobre o leste da Europa” como bem notou Max Fisher do New York Times em 24 de fevereiro. Putin quer alterar a presente ordem de segurança europeia. E começou pela Ucrânia.

Estamos num momento crítico do futuro internacional que, desde a Paz de Vestefália de 1648, assenta no respeito pela igualdade soberana dos Estados agora publicamente violada, e numa altura em que face aos desaires em combate, após 6 dias de impiedosa violência, o presidente russo ordenou a prontidão operacional dos seus sistemas nucleares.

A guerra híbrida com que iniciou a ação contra a Ucrânia, incluiu a movimentação e concentração em torno do país da panóplia de todas as capacidades militares terrestres, aéreas, navais e nucleares russas conjugada com ataques ciber múltiplos e,


[Ver mais](#)

Entrevista com Major-general Agostinho Costa

Especialista em operações militares reconhece que Ucrânia está a vencer batalha da comunicação, mas que a vitória militar é improvável: “Não se ganham guerras sem superioridade aérea.” O Major-general Agostinho Costa faz, em entrevista ao PÚBLICO, o balanço destes primeiros dias de conflito e das estratégias das forças russas e das ucranianas.


[Ver mais](#)



ONE PLUS FOUR

Traçando o futuro da NATO numa era de rutura

A Força-Tarefa da NATO é composta por diplomatas europeus e norte americanos, especialistas militares e analistas de segurança com experiência significativa em assuntos da NATO.

Ao longo de 2021 e 2022, reuniram-se com altos funcionários e especialistas de topo para fazer avançar a estratégia da Aliança para a próxima década, nomeadamente através de um novo Conceito Estratégico, que os líderes Aliados pretendem apresentar na Cimeira da NATO, de Junho de 2022, em Madrid.

A Aliança Atlântica enfrenta o ambiente estratégico mais complexo nos seus 73 anos de história. Os EUA e a Europa devem usar o novo Conceito Estratégico da Aliança para reafirmar os seus laços mútuos, reformular a sua parceria e reequilibrar as suas instituições – particularmente a NATO – para a Era da Ruptura. O novo Conceito Estratégico da NATO deve ser enquadrado por uma abordagem que chamamos de “Um Mais Quatro”. O Um é a coesão da Aliança, que deve ser a base estratégica central de um novo Conceito. A NATO deve então ser reposicionada para os desafios atuais e futuros, muitos dos quais não convencionais e imprevisíveis. Isso exigirá que a Aliança atualize e atualize as suas três tarefas principais – defesa coletiva, gerenciamento de crises e segurança cooperativa – e adicione uma quarta tarefa principal: construir resiliência abrangente a ameaças disruptivas às sociedades aliadas.

TLN

Força-Tarefa da NATO



Relatório da Força-Tarefa da NATO – Resumo



O PACOTE DE DEFESA DE 2022

Ver mais



QUATRO PERGUNTAS SOBRE COMO O ATAQUE RUSSO À UCRÂNIA AFETARÁ A EUROPA

Ver mais

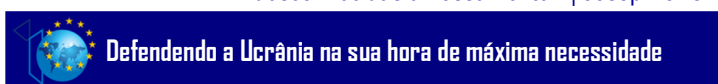


A FORÇA NÃO FAZ SENTIDO, AS GUERRAS INJUSTAS ESTÃO FADADAS A SER PERDIDAS

Ver mais

A UE condena com a maior veemência a agressão militar da Rússia e insta a Rússia a cessar imediatamente as hostilidades, retirar os seus militares da Ucrânia e respeitar plenamente a integridade territorial, a soberania e a independência da Ucrânia. A UE apoia firmemente a Ucrânia e o seu povo nesta crise sem precedentes e prestará mais assistência política, financeira e humanitária.

“Esta é uma das horas mais sombrias para a Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Uma grande potência nuclear atacou um país vizinho e está ameaçando represálias a qualquer outro estado que possa vir em seu socorro. Esta não é apenas a maior violação do direito internacional, é uma violação dos princípios básicos da coexistência humana. Está custando muitas vidas com consequências desconhecidas à nossa frente.” | Josep Borrell



CONTRIBUIR PARA A DEFESA EUROPEIA

Ver mais

A União Europeia precisa se tornar um fornecedor de segurança mais forte e confiável, em nossa vizinhança e fora dela, com nossos parceiros, mas também sozinha quando necessário.



Contribuição da Comissão para a defesa europeia



Roteiro sobre tecnologias críticas para segurança e defesa



Factsheet: Contribuir para a defesa europeia (Download)



Comunicado de imprensa



Perguntas e respostas: Contribuição da Comissão para a defesa europeia no contexto da Bússola Estratégica

SUGESTÕES DE LEITURA EURODEFENSE



Com todos os olhos no próximo movimento russo na Ucrânia, a noção de autonomia estratégica europeia está experimentando um renascimento. À primeira vista, isso parece atrasado, uma vez que as negociações entre Washington e Moscovo ignoram totalmente Bruxelas. Mas, além de um uso limitado do conceito para ajudar a mitigar vulnerabilidades resultantes de dependências e atores credíveis que podem explorá-los, a noção permanece excedente aos requisitos. O uso generalizado do termo "autonomia estratégica da UE", como está em voga, corre o risco de dar um impulso desnecessário ao populismo e ao nacionalismo. Também corre o risco de desancorar a UE da sua essência colaborativa e orientada para o compromisso, porque retrata o mundo fora da UE como um pântano onde o perigo espreita atrás de cada árvore. Se os Estados-Membros da UE pretendem um conjunto de instituições mais assertivas e capazes que atuem em seu nome,

[Ver mais](#)

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA, os seus aliados e parceiros construíram um sistema internacional baseado em regras que trouxe paz, prosperidade e liberdade em muitas partes do mundo. O sistema tem sido criticado por potências revisionistas, principalmente China e Rússia, que buscam mudar fundamentalmente a ordem internacional estabelecida. A primeira visão sustenta que a Rússia é uma potência revisionista que usa todos os meios de poder estatal, incluindo agressão militar, para impor sua vontade à sua vizinhança e minar os interesses dos EUA, da NATO e da UE num esforço para revisar a ordem internacional. A segunda visão não nega o mau comportamento do Kremlin, mas afirma que a NATO e a UE não foram sensíveis aos interesses russos tradicionais, especialmente no espaço pós-soviético, e responderam com muita força às provocações do Kremlin com sanções, apoio militar à Ucrânia e reforço da presença militar da NATO no seu flanco leste.

[Ver mais](#)

A política russa no Ártico é atualmente enquadrada por duas tendências principais: o aquecimento global e o confronto com o Ocidente após as suas intervenções militares na Geórgia e na Ucrânia. A divisão em curso do Oceano Ártico em zonas económicas pelos estados litorâneos foi estimulada pelo derretimento do gelo marinho. No entanto, a adesão da Rússia à Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar e a sua vontade de se comprometer foram postas em dúvida pela sua violação do direito internacional por meio dessas intervenções e suas ambições de grande potência. A intensificação do confronto com a NATO ajudou a militarização do Ártico pela Rússia, por meio de exercícios maiores e mais frequentes nas suas fronteiras e as suas reivindicações a Svalbard. A NATO responde com mais exercícios próprios e uma presença militar na Noruega, embora a uma distância segura da Rússia, o que, por sua vez, leva a mais respostas russas.

[Ver mais](#)

O foco deste novo relatório está nas soluções. Destaca a importância de mudanças fundamentais na sociedade, ao mesmo tempo em que se conserva, restaura e protege a natureza para cumprir o Acordo de Paris e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Está claro agora que mudanças menores, marginais, reativas ou incrementais não serão suficientes. Além das mudanças tecnológicas e económicas, mudanças na maioria dos aspectos da sociedade são necessárias para superar os limites da adaptação, construir resiliência, reduzir o risco climático a níveis toleráveis, garantir um desenvolvimento inclusivo, equitativo e justo e alcançar objetivos sociais sem deixar ninguém para trás.

[Resumo](#)[Relatório](#)

A liderança da Rússia luta pela soberania digital com dois objetivos principais: independência tecnológica e controle da informação. Diante dos crescentes conflitos com "o Ocidente" e uma crise de legitimidade em curso em casa, o regime visa garantir a sua estabilidade subjugando o setor de TI. As consequências de sua securitização da internet e do mercado de TI são fatais para a inovação e a economia digital. A Alemanha e a UE precisam avaliar seu interesse condicional no mercado de TI da Rússia em rápida mudança e comunicar suas propostas para sua regulamentação.

[Ver mais](#)

Quase trinta anos atrás, a guerra na Bósnia-Herzegovina começou e, mesmo agora, as três comunidades étnicas do país – bósnios muçulmanos, sérvios ortodoxos e croatas católicos – ainda não conseguem chegar a um acordo sobre o mês, muito menos o dia de 1992, quando o conflito realmente começou. Seja qual for a resposta, a Bósnia ainda está lidando com as consequências do conflito mais sangrento na Europa desde 1945, quando a Jugoslávia se dividiu em violência e guerra. Apesar de uma série de intervenções diplomáticas e, em última análise, militares da Comunidade Internacional – das quais os Acordos de Dayton de 1995 foram os mais proeminentes – a "Era de sem Paz" na região nunca chegou ao fim.

[Ver mais](#)

DESTAQUES EURODEFENSE JOVEM-PORTUGAL



Fevereiro foi um mês preenchido para a EuroDefense Jovem. No dia 9 de fevereiro, realizamos uma tertúlia sobre "Gestão de Crises", tendo como convidado o Tenente-General António Fontes Ramos. A Factsheet a moderação da Tertúlia virou um cabo do Miguel Carvalho Gomes. Por constrangimento de força maior, de a última dia do mês.

No âmbito das perguntas Europeus, este mês abordámos o "Regresso dos Combates Jihadistas Europeus", "A Segurança Europeia: uma responsabilidade partilhada", escrito por Ani Davidova, e "A Importância da UE Num Cenário Internacional", escrito pelo Gonçalo Oliveira. Para além das perguntas, foram realizadas duas contextualizações, uma sobre "Rússia e Ucrânia: o que se passa?" e outra sobre as mais importantes intervenções da "Conferência de Segurança de Munique". A EDJ continua a contribuir com o 'Diário da União Europeia', uma iniciativa que resume os acontecimentos das Instituições Europeias, agora pode ser ouvido em formato podcast no Spotify, para além do formato habitual de vídeo nas redes sociais.

Por último, importa destacar a participação de Joana Good da Silva numa entrevista no Programa "Rua da Europa" da Rádio Universitária do Algarve, onde apresentou um EuroDefense-Portugal, em especial o grupo dos jovens.

A Política Externa e de Segurança Comum (PESC) é uma das áreas políticas menos integradas da União Europeia (UE). No entanto, a PESC, e desde 1999 também a Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD), desenvolveram-se significativamente desde a sua criação. Por exemplo, hoje a UE tem o seu próprio serviço diplomático (SEAE), uma vasta experiência no envio das suas próprias missões e é considerada mundialmente como um ator relevante na política externa. No entanto, quando se trata de gerir conflitos armados, especialmente na sua própria vizinhança, a União Europeia sempre lutou para encontrar posições comuns e instrumentos adequados e, em última análise, teve que contar principalmente com a iniciativa de Estados membros individuais e atores externos como a NATO.



ATUAÇÃO DA UE NO CONFLITO NA UCRÂNIA

Ver mais



CONFERÊNCIA SOBRE O FUTURO DA EUROPA

Ver mais

O que funcionou, e agora, o que vem depois?

A grande retórica em torno da Conferência sobre o Futuro da Europa, quando foi lançada em 2021, pouco fez para superar as realidades políticas. Os críticos afirmam que os problemas relacionados ao processo e a falta de visibilidade deixaram a Conferência no marasmo. No entanto, ainda há tempo para o interesse político corresponder ao entusiasmo dos cidadãos ativamente engajados na Conferência e para que esta iniciativa termine com resultados tangíveis. A reforma da governança da UE exigirá uma mudança gradual da cultura democrática e um amplo reconhecimento de que a participação dos cidadãos pode agregar valor aos processos de tomada de decisão em todos os níveis de formulação de políticas.

Tudo o presidente americano desde Eisenhower, uma vez ou outra, expressou a sua frustração com o grau em que os aliados dos EUA contribuem para a NATO. Em 2011, esses sentimentos chegaram a um ponto de ruptura. Num discurso de "adeus" de palavras fortes em Bruxelas, o Secretário da Defesa Robert Gates alertou para um "futuro escuro, se não sombrio" para a NATO se os aliados não começarem a contribuir com mais e melhores capacidades para as operações e missões da Aliança. Impulsionado por este discurso, o governo Obama foi aceito na Cúpula do País de Gales de 2014 para um compromisso de investimento em defesa de longo alcance. Sete anos depois, os líderes da NATO reunidos na Cúpula de Bruxelas de 2021 reiteraram o seu compromisso com essa promessa "na sua totalidade".



CORRIGINDO O COMPROMISSO DE INVESTIMENTO EM DEFESA DE 2014 DA NATO

Ver mais



SANÇÕES MAIS FORTES À RÚSSIA

Essencial, mas não uma estratégia

Ver mais

O Ocidente está respondendo corretamente ao ataque total de Putin à integridade territorial da Ucrânia com sanções. Mas eles precisam fazer parte de uma estratégia mais ampla para garantir que ele não possa vencer. Putin escolheu a guerra. Apesar dos esforços diplomáticos desesperados dos líderes ocidentais, em particular do presidente da França Emmanuel Macron, em 24FEV o presidente russo lançou uma ação militar em larga escala contra alvos em toda a Ucrânia. A única questão agora é até onde ele pode ir.



A MÃO PERDIDA DA RÚSSIA NA UCRÂNIA

Ver mais

Os EUA, parceiros e aliados devem estar preparados para conduzir uma campanha diplomática, económica, militar e humanitária sustentada que apoie a Ucrânia e aumente os custos financeiros e militares para Moscovo de se intrometer na Ucrânia – agora e no futuro. A Rússia tem fraquezas que podem ser exploradas, e o nacionalismo ucraniano e a decisão ocidental podem apresentar problemas formidáveis e de longo prazo para Moscovo.



PERCEPÇÕES RUSSAS DE IA MILITAR, AUTOMAÇÃO E AUTONOMIA

Ver mais

O presidente Vladimir Putin declarou 2021 o Ano da Ciência e Tecnologia na Rússia, e novembro nomeado como o mês da IA, sinalizando o forte interesse da liderança russa neste termo abrangente. O setor de defesa russo é particularmente cativado pelas oportunidades associadas às tecnologias baseadas em IA. Nos últimos anos, a IA, a robótica, bem como a maior integração da automação e autonomia nos sistemas de armas e na tomada de decisões militares foram destacadas como prioridades para a modernização das forças armadas russas.